



À TARDINHA PASSEAVA NA FLORESTA

SOBRE UMA ARTISTA E A ARTE RUSSA NO EXILIO, POR VEIGA SIMÕES

UMA tarde, em Berlim, no seu desnudo atelier de Kleiststrasse, Xenia Boguslawskaja, iluminando os olhos incolôres, perguntava-me como as crianças que nunca viram o mar:

— Como é o seu país?

Por entre nós, na sua palavra sem imagens, galopavam em confronto as campinas sem horisontes do Volga e os fundos de primitivos do Arno, que Xenia adora religiosamente, como uma madona do *quatrocento*; as doridas



DÉCOR PARA A «AVE AZUL»

recurvas dos Pirineus e a luz de saga aconchegando os fiords. E de novo me perguntava, numa obstinação de criança:

— E o seu país? Como é o seu país?

A infância, na aristocracia russa, acaba muito tarde; funde-se quase sempre com essa outra infância em que as crianças já são avós e os olhos vivem recordações. O seu espírito isolou-se da outra gente, tocou-se duma hipersensibili-

dade talvez gerada pela sobreposição de extasis religiosos da Meia-Edade com as futilidades duma vida de corte que por dois séculos se prolongou anacronisticamente; ferindo-se num meio agreste, que a noite e o inverno torna mais rude, dia a dia esse meio mais a afina de requintes, mais a isola, e nesse isolamento a infantiliza.

Xenia Boguslawskaja nasceu em Pequim, onde seu pai era então o Embaixador do Czar. Toda a sua infância decorreu nesse mundo estranho, entre lacas e tintas vegetais, com os seus pequenos olhos amimados tocando a toda a hora um paraíso de linhas e atitudes.

As embaixadas do Oriente eram ainda nesse tempo pequenos, ricos museus, para onde iam emigrando, através as mãos sórdidas dos *coolies*, as tapeçarias dos templos e as pinturas dos palácios. Toda essa arte, feita de graves posturas de aves meditabundas e de sorrisos de sábios a paisagens de porcelana, bailando em redor duma retina apta, de origem e meio, a receber imagens e a guardá-las na memória, como em pequenos cofres de sandalo, lhe deu as primeiras lições de linha e côr.

Quando mais tarde, de volta a Petersburgo, pela entrega ao pai dum govêrno da Sibéria, começou a traçar com os seus dedos púberes os primeiros ensaios de pintura, foi toda a velha China do norte que dentro em si acordou, num fugitivo mundo de imagens e evocações. E acorrêram as tintas fadas do Oriente, que em criança lhe poisavam na retina, a entregar-lhe a expressão procurada.

Casada anos depois com Ivan Puni, o primeiro modernista que a geração nova da Rússia indicou ao govêrno imperial para seu professor na Academia

de Belas Artes de Petrogrado, e o mais culto dos teóricos russos nos novos processos da arte, dele recebeu um vasto influxo doutrinário. Assim, sobre o fundo ainda barbaro e mediévico duma arte mais assente em teorêmas que em emoções, a asa oriental das suas tintas primaverilmente sorri, por um milagre de cor.

— Sou mais conservadora que meu marido, dizia-me às vezes no atelier dos dois, por onde a audácia das formas tumultuava. E nas velhas sêdas esmaecidas, que ainda guarda em memória da sua infância, perpassavam sorrisos mui discretos. . .

O pesadêlo bolchevista, caíndo sobre a grande noite russa, forçou-a a emigrar, com seu marido, sem noticias dos seus, como tantos da sua raça que um odio politico àquela hora cegamente procurava. A sua dolorosa vagabundagem dos primeiros mêses de exilio levou-a um pouco a toda a parte, — a Paris, o paraíso da Russia elegante, à Italia, à Hungria, ao sul da França. Mais que uma exilada da Russia, ela era sempre uma exilada da China. Pela sua arte, tão cosmopolita, tão de toda-a-parte, dominada por um seccionismo que é apenas o aparelho metalico que ela veste de emoções, adeja uma saudade sempre moça desse mundo de tintas transparentes e figurinhas lacadas que a envolveu nessa outra primeira infancia do Oriente.

Até que se fixou em Berlim, trabalhando scenarios e *décors* para o cabaret-teatro *Der Blaue Vogel*, de que os duzentos mil russos de Berlim fizeram o *focolare* da sua raça, evocando em scenas mimadas e cantadas as velhas legendas de Moscou, as canções do povo e os romances heroicos dos dias mortos.

Fechados os olhos para os museus, que são hoje apenas compendios de historia da arte, o grupo de artistas do *Blaue Vogel* saudosamente os voltou do exilio para os costumes, as tradições populares, mergulhando no fundo etnico dum povo, que neste momento sofre como nenhum outro, as raizes duma estetica nova, que de artificial



AGUARELA

só tem as teorias em que algumas das fórmulas da expressão buscaram ponto de apoio. Aos bailados parnasianos da Pavlovna, opõem os bailaricos estilizados, como esse da *Balançoire*, cantado ao desafio entre gentes do campo, ao vai-vem do baloço, para que Soudeikine fez uma maquete ingenua, ou esse outro da velada de boémios em louvor e honra da autoridade do burgo. É uma poesia nova que aparece, com ritmos herdados de ritmos nacionais, dramatizada para que ao ouvido e à retina se imponha indelevelmente, com vestes que verbalizam a ideia condutora, na audácia do material empregado, com atitudes e fundos que musicam o recorte silábico do verso.

Assim do cabaret-teatro de Berlim começa a surgir uma escola nova de pintura, um teatro novo em fórmulas novas, um mobiliário, uma poesia, uma escultura, que o público culto da Alemanha, tão distante do artista russo, começa a olhar respeitosamente.

Já o Conde Alexis Tolstoi, a figura central do grupo, tentara amostrar ao mundo latino como se renova uma arte decadente e artificializada com a alegoria — *L'Amour, livre d'Or* — que os artistas do *Vieux Colombier* revelaram em Paris. Ainda há pouco, também, Maria Kousnezoff justificava a maneira artística que criara pela falta de relação directa entre a fórmula do teatro actual e a nossa maneira de viver; e buscava nas scenas populares de varios países, da Siberia à Andaluzia, com o auxilio de Bakst e Soudeikine, motivos para pequenas scenas, cantadas, mimadas ou dançadas (conforme a expressão melhor se houvesse de jungir ao assunto) onde toda a gama dos sentimentos humanos encontrasse expressão e síntese. Chana Orloff recorre às esculturas populares em madeira, com que nas aldeias do norte a estesia inconsciente entretem a noite sem fim do inverno, para renovar a escultura e entregar à gravura um esquecido mister. Nas suas mãos a madeira readquire todo o prestígio, utilizando-lhe os grãos e os nós, os lineamentos das fibras, como meios de expressão; e transporta, num singular poder de síntese, na sua construção e nos seus ritmos assimétricos, para a arte, digamos erudita, os processos populares. Merejkowsky anda agora a fazer representar pelo mundo, onde quer que o exílio levasse um grupo de gente da sua raça, as suas peças historicas, com estupendos scenários de Benoist, — sombrias lições de historia do tempo em que a Russia inda acordava do segredo das origens e começava a amostrar aspirações nacionais à Europa, que mal a olhava; e Povolozky, o cultissimo livreiro da Rue Bonaparte, a um tempo que propaga a arte nova dos seus compatriotas, resuscita e transporta para francêses os velhos monumentos da sua literatura, desde os tempos inda barbaros de Ivan até à epoca doirada de Gogol.

Assim, de todos os nucleos russos que o bolchevismo espalhou pelo mundo, um movimento surge, de intuito analogo ao romantismo, renovando as formulas esteticas tornadas inabéis para exprimir os conflitos dos nossos dias ansiosos, tendo por elo comum a dor comum que os abraça e a saudade duma patria que do exílio começaram a entender.



XENIA BOGUSLAWSKAJA

Poucos artistas russos, como a Boguslawskaja, sentiram fundo esse intenso movimento, alheando-se das futilidades vasiamente decorativas; é ver as suas frescas maquettes para o *Abends spat im Walde*, que a *Contemporanea* reproduz, sem a graça popular do colorido. A génese da sua arte entregara-lhe já meios mais ricos de sentir estê regresso à natureza.

Num momento em que as actividades intellectuais de Portugal, afora raras boas-vontades perdidas, ou agonizam pela politica, em estereis lutas pessoais, ou se encerram em torres de pessima porcelana tangendo rimas vasiaas, pareceu-me que seria uma interessante lição de estetica apontar-lhes esta aristocrata que, com o seu grupo do *Der Blaue Vogel*, abandona o salão e a sua vida postiça, para vir deixar florir a sua arte, sagrada pelo exílio, ao embate das paixões, sentir o contacto da multidão, erguer as velhas tradições da sua raça em côres e linhas embora herdadas doutra civilisação, e com esse fundo étnico e esse processo técnico nos fazer sentir e amar o seu país.

Xenia Boguslawskaja virá a Portugal, no outono proximo, expôr com seu marido e os escultores Zalitt e Dzirkal, do seu grupo de Berlim. Convidando-a a vir cá, vê-lo e senti-lo, respondi áquela pergunta que uma tarde me fazia no seu desnudo atelier de exílio.

VEIGA SIMÕES

Antigo Ministro dos Estrangeiros
Actual Ministro de Portugal em Berlim